

As relações sociais de gênero e a pesquisa científica no ICSEZ/UFAM

Gender Social relations and scientific research at ICSEZ/UFAM

Relaciones sociales de género e investigación científica en el ICSEZ/UFAM

Recebido: 26/02/2023 | Revisado: 07/03/2023 | Aceitado: 08/03/2023 | Publicado: 14/03/2023

Dayara Araújo de Negreiros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7585-6634>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: dayaranegreiros.araujo@gmail.com

Patricia de Paula Barros Moraes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6876-3333>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: patriciadepaula.as@gmail.com

Hívia de Oliveira da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9277-8420>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: hivilaoliveira20@gmail.com

Resumo

Os debates sobre a desigualdade de gênero estão presentes em diversos segmentos sociais, especialmente no espaço universitário, diante disso, este estudo tem como objetivo analisar como as relações sociais de gênero impactam diretamente na produção científica de docentes/pesquisadores do ICSEZ/Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Parintins/AM. A pesquisa teve como base epistemológica o materialismo histórico-dialético, como delineamento utilizou-se o estudo de caso, com caráter descritivo, exploratório e abordagem qualitativa. Quanto aos participantes foram 12 professores (as) com titulação de doutorado, o Diretor Administrativo e o Coordenador do Comitê Científico do ICSEZ/UFAM. Os dados coletados por meio da entrevista estruturada foram sistematizados e analisados com base no procedimento de análise do discurso. Na primeira parte, realizou-se uma discussão sobre o termo gênero e a importância desta temática na contemporaneidade. Na segunda, aborda-se historicamente a participação das mulheres na ciência e as problematizações sobre as diferenças de gênero e por fim, os resultados da pesquisa realizada no âmbito do ICSEZ. Evidenciou-se que a desigualdade de gênero está presente nas relações sociais da Instituição, em especial no produtivismo acadêmico das professoras/pesquisadoras. Outro aspecto é a sobrecarga da dupla jornada de trabalho enfrentadas por estas mulheres provenientes de uma lógica patriarcal, a qual determina os papéis de homens e mulheres. Ademais, se faz necessário provocar e fortalecer o debate tendo em vista dirimir as desigualdades presentes no espaço acadêmico.

Palavras-chave: Gênero; Desigualdade de Gênero; Produção do conhecimento científico.

Abstract

Debates about gender inequality are present in several social segments, especially in the university space, in view of this, this study aims to analyze how social gender relations directly impact the scientific production of professors/researchers at ICSEZ/Universidade Federal do Amazonas (UFAM) in Parintins/AM. The research was epistemologically based on historical-dialectical materialism, as a design, a case study was used, with a descriptive, exploratory character and qualitative approaches. As for the participants, there were 12 professors with doctoral degrees, the Administrative Director and the Coordinator of the Scientific Committee of ICSEZ/UFAM. The data collected through the structured interview were systematized and analyzed based on the discourse analysis procedure. In the first part, there was a discussion about the term gender and the importance of this theme in contemporary times. In the second, the participation of women in science and the problematizations about gender differences are historically approached, and finally, the results of the research carried out within the scope of the ICSEZ. It was evident that gender inequality is present in the institution's social relations, especially in the academic productivism of the professors/researchers. Another aspect is the overload of the double working day faced by these women coming from a patriarchal logic, which determines the roles of men and women. Furthermore, it is necessary to provoke and strengthen the debate in order to resolve the inequalities present in the academic space.

Keywords: Gender; Gender inequality; Production of scientific knowledge.

Resumen

Los debates sobre la desigualdad de género están presentes en varios segmentos sociales, especialmente en el espacio universitario, en vista de eso, este estudio tiene como objetivo analizar cómo las relaciones sociales de género impactan directamente en la producción científica de los profesores/investigadores del ICSEZ/Universidad Federal do

Amazonas (UFAM) en Parintins/AM. La investigación se basó epistemológicamente en el materialismo histórico-dialéctico, como diseño se utilizó un estudio de caso, con carácter descriptivo, exploratorio y enfoque cualitativos. En cuanto a los participantes, hubo 12 profesores con grado de doctorado, el Director Administrativo y el Coordinador del Comité Científico del ICSEZ/UFAM. Los datos recolectados a través de la entrevista estructurada fueron sistematizados y analizados con base en el procedimiento de análisis del discurso. En la primera parte, hubo una discusión sobre el término género y la importancia de este tema en la contemporaneidad. En el segundo, se aborda históricamente la participación de la mujer en la ciencia y las problematizaciones sobre las diferencias de género y, por último, los resultados de las investigaciones realizadas en el ámbito del ICSEZ. Se evidenció que la desigualdad de género está presente en las relaciones sociales de la institución, especialmente en la productividad académica de los profesores/investigadores. Otro aspecto es la sobrecarga de la doble jornada laboral que enfrentan estas mujeres proveniente de una lógica patriarcal, que determina los roles de hombres y mujeres. Además, es necesario provocar y fortalecer el debate para resolver las desigualdades presentes en el espacio académico.

Palabras clave: Género; Desigualdad de género; Producción de conocimiento científico.

1. Introdução

O presente estudo versa sobre as relações sociais de gênero e as desigualdades de condições de trabalho entre homens e mulheres no espaço acadêmico de uma Universidade Pública. Dentro dessa perspectiva é relevante ressaltar como as relações capitalistas são promotoras do aumento da desigualdade social e a intensificação da exploração da classe trabalhadora, resultando e reforçando o aprofundamento de instrumentos de dominação e exploração sobre a mulher.

De acordo com Safiotti (2004) do ponto de vista biológico, as mulheres e homens são diferentes, porém com o surgimento da nova propriedade privada (capitalismo) essas diferenças culminaram em papéis sociais divergentes por meio do matrimônio monogâmico e união familiar, o que ocasionou na retirada das mulheres do âmbito público, confinando-as em seus lares. Sendo assim, percebe-se como as mulheres estão inseridas em um contexto de desigualdade, determinados por relações sociais historicamente estabelecidas.

Corroborando com esta assertiva, Dias et al (2022), discute que a desigualdade de gênero possui características permanentes, as quais se reconfiguram no decorrer do tempo e espaço, uma vez que a sociedade está em constante transformação. Diante disso, as autoras afirmam que a construção social de gênero está relacionada a um complexo processo estrutural da sociedade e de suas conjunturas, bem como da luta de classes e das relações sociais estabelecidas nesse âmbito.

No mundo do trabalho também prevalece a desigualdade entre homens e mulheres e o capitalismo soube utilizar estratégias para aproveitar-se dessa divisão sexual do trabalho (Antunes, 2009; Cisne, 2015). Diante desse contexto, as mulheres ao longo dos séculos buscaram conquistar inúmeros direitos e atuação em diversos espaços, nos quais eram antes apenas destinados e restritos aos homens. O mundo da ciência é um exemplo, conforme Martins (2004) este âmbito foi considerado por muito tempo como uma atividade masculina, pois no homem predominava a mente e o intelecto, tal lógica indicava o caráter androcêntrico contido na produção científica.

A partir disso, a proposta desse estudo nasceu dos debates acerca das desigualdades de gênero presentes na academia, em especial quando referimo-nos a produção do conhecimento científico. E, principalmente pela lógica produtivista imposta pelas Instituições de fomento como as avaliadoras de cursos de graduação e pós-graduação, como a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

A carreira profissional de pesquisadores e pesquisadoras referente as suas progressões e promoções, estão diretamente vinculadas a produção da pesquisa científica. A produção desse conhecimento é tomada por uma série de exigências quanto a sua qualidade e originalidade o que exige tempo e dedicação por parte do pesquisador (a) para tal produção. A questão norteadora para o referido estudo foi sistematizada em como as desigualdades de gênero refletem na produção do conhecimento científico na academia?

Frente ao questionamento levantado, esta pesquisa objetivou analisar como as relações sociais de gênero impactam diretamente na produção científica de docentes/pesquisadores do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia - ICSEZ/UFAM, no município de Parintins/AM.

2. Metodologia

O estudo teve como base teórica norteadora o materialismo histórico-dialético que permite interpretar o objeto a ser estudado em todos os seus aspectos e conexões. Dessa forma, a estratégia metodológica elencada leva em consideração a história como um aspecto essencial, possibilitando um olhar sistemático para o fenômeno, permitindo-nos uma visão crítica e totalitária da realidade posta. Portanto, “não pode existir um objeto isolado do outro, todos os fenômenos da natureza estão interligados e determinados mutuamente (Richardson, 2015, p. 46).

Para Netto (2011) esta teoria ancora-se no movimento do real do objeto, o qual é interpretado no plano ideal (pensamento do pesquisador). Este método de pesquisa, deve ir além da aparência fenomênica, imediata e empírica, o qual visa alcançar a essência do objeto como forma de capturar a sua estrutura e dinâmica, compreendo-o como um sistema de relações construído pelos homens.

Nesse sentido, por meio dessa base epistemológica analisamos os determinantes das desigualdades de gênero na produção acadêmica-científica no ICSEZ/UFAM, e como tais desigualdades constituíram-se ao longo do processo de desenvolvimento da produção do conhecimento, bem como as relações entre os atores sociais dentro de um contexto capitalista com viés patriarcal. A pesquisa teve abordagem qualitativa, conforme Richardson (2015, p. 70), esta “[...] significa a escolha dos procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação dos fenômenos”.

Este estudo tem como natureza aspectos descritivos a partir de uma perspectiva dialética e também exploratórios. A pesquisa de campo foi pautada no estudo de caso de Yin (2015), pelo uso de diversas fontes de evidências e unidades de análise, as quais geraram dados qualitativos riquíssimos. Esse modelo permitiu também uma melhor associação de técnicas e instrumentos, conforme seu delineamento.

É importante destacar em relação ao objeto a ser investigado “as desigualdades de gênero na produção acadêmica de docentes/pesquisadores do ICSEZ”, teve um único estudo de caso, visto que os docentes são de uma única Instituição. Portanto, a temática em questão buscou analisar e discutir os fundamentos das desigualdades nas relações sociais de gênero e os reflexos na produção científica dos docentes da referida instituição e compreendê-la dentro de sua totalidade.

Esta pesquisa se delineou no Instituto de Ciências Sociais e Zootecnia – ICSEZ/UFAM, inaugurado no ano de 2007 com a expansão dos *campis* da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Está localizado na Estrada do Macurany, nº 1805 – Jacareacanga, na cidade de Parintins. No que tange as técnicas de pesquisa foram utilizados os instrumentos a seguir: Pesquisa Bibliográfica e Realização de entrevista com roteiro de perguntas: Instrumento elaborado e aplicado aos docentes/pesquisadores doutores, Diretor Administrativo e Coordenador Científico do ICSEZ, as entrevistas estruturadas foram gravadas somente com autorização dos pesquisados.

Concernente ao universo populacional da pesquisa, este contemplou os docentes/pesquisadores, tendo como titulação base o Doutorado. O corpo docente do ICSEZ é formado por 77 professores, dentre os quais 15 doutoras e 14 doutores, totalizando 29 profissionais. Somente foi considerado participante entrevistado aquele que concordou em contribuir para pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE.

Dentre os 29 participantes doutores, apenas 10 docentes, o Coordenador do Comitê Científico e o Diretor Administrativo participaram da pesquisa, somando 12 entrevistados. Entre estes, 6 são homens e 6 mulheres, dos homens 5 são

casados, referente as mulheres, apenas 4 casadas, os demais dos participantes estão solteiros (as). No que concerne à família, 7 possuem filhos e 5 não, atualmente residem sozinhos ou com os pais e/ou companheiros (as).

Os professores/pesquisadores estão identificados pelas siglas, apresentadas pelo Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Identificação dos participantes da pesquisa.

SIGLA	ESPECIFICAÇÃO
E.F.M	Educação Física/Mulher
E.F.H	Educação Física/Homem
S.S.M1	Serviço Social/Mulher
S.S.M2	Serviço Social/Mulher
Z.M	Zootecnia/Mulher
Z.H	Zootecnia/Homem
A.D.M.M	Administração/Mulher
A.D.M.H	Administração/Homem
P.M	Pedagogia/Mulher
C.S.H	Comunicação Social/Homem

Fonte: Pesquisa de campo, (2019).

Para Amorozo e Viertler (2010) a análise dos dados segue diferentes fases, conforme os dados são coletados, os mesmos passam pelo processo de codificação e seleção, podendo ser transcritos em sumários, diagramas, quadros, fluxogramas. Este processo envolve a preparação dos dados para análise, com o intuito de aprofundar cada vez mais os entendimentos acerca das informações colhidas e interpretar seus significados, tal procedimento engloba também a reflexão contínua dos dados (Creswell, 2007).

Referente a análise do discurso, esta é muito mais que apenas linguagem, “pois abrangem práticas por meio das quais se constroem e difundem sentidos, formam-se sujeitos e regula-se a conduta, dentro de determinadas instituições ou formações sociais” (Lee & Petersen, 2015, p. 192). Desse modo, foi analisado as falas dos participantes da pesquisa com base em uma teoria crítica, a qual permitiu compreender quais suas percepções e o significado social acerca das relações sociais de gênero e as desigualdades na produção científica no ICSEZ/UFAM.

Mediante isso, os resultados foram tratados e analisados com base na teoria aprendida ao longo da revisão de literatura. A associação da teoria, com os dados empíricos coletados e a interpretação do pesquisador constituiu nos elementos centrais para a elaboração do estudo e a consequente resposta aos objetivos propostos nessa pesquisa. Esta, foi realizada respeitando as normas aplicadas às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e a Resolução nº 466/2012 do CNS.

3. Resultados e Discussão

3.1 Conceituando o Termo Gênero

O termo gênero “[...] significa a diferença cultural entre mulheres e homens, baseada na divisão entre fêmeas e machos”, ou seja, a dicotomia e as distinções entre os sexos são substâncias dessa ideia. Nesse sentido, define-se como uma dimensão central da vida, das relações sociais e da cultura, as quais levam ao enfrentamento de questões como justiça, identidade e até de sobrevivência (Connell, 2015, p. 45).

Torrão Filho (2005) conceitua o termo em discussão como uma oposição ao determinismo biológico e as diferenças nas relações entre os sexos fundadas culturalmente no interior da ordem social. Estas diferenciações pressupõem as definições das características que compõem a identidade do masculino e feminino, onde mulheres são ensinadas a ser femininas e submissas, e os homens a ser dominadores e ativos. Neste contexto, percebe-se como as sociedades humanas lidam com os corpos, atribuindo-lhes atividades distintas, as quais impulsionam diretamente as desigualdades entre ambos os sexos. De acordo com Cabral e Diaz (1998) esta desigualdade é oriunda das relações sociais, sendo considerada um fenômeno estrutural com raízes complexas, impulsionadas por um modelo capitalista com viés patriarcal.

Debater sobre o gênero nos remete discutir sucintamente as categorias teóricas, os quais possibilitam compreender a constituição sociohistórica das desigualdades entre homens e mulheres, a saber: o patriarcado, divisão sexual/racial do trabalho e relações sociais de sexo. Tais categorias são apropriadas pelos princípios do sistema capitalista (Cisne & Santos, 2018). Diante dessas afirmações, indaga-se: o que é o patriarcado? De acordo com Miguel e Biroli (2014), o patriarcado é compreendido como uma das manifestações de dominação masculina construída ao longo da história. Esta expressão corresponde a uma forma de organização política, ligada ao absolutismo, o qual defende o poder absoluto/domínio sobre outrem.

Cisne e Santos (2018) discute o patriarcado como o controlador da subjetividade, do corpo e sexualidade da mulher, impondo um rígido e binário modo de ser feminino e masculino, esse processo resulta na desvalorização e dominação das mulheres e do que é identificado como feminino. Portanto, esta categoria encontra-se estruturada por uma lógica heterossexista¹. Em vista disso, “essa dominação plurifacetada construiu/constrói relações de gênero altamente conflitivas e desumanizadoras para o homem e principalmente para a mulher”. Com isso, destaca-se quatro aspectos constituintes das relações de gênero ou relações patriarcais de gênero: a família, o mercado, a comunidade e o Estado, dentre os quais, o autor destaca o Estado (Muraro & Boff, 2010, p. 52).

O Estado Liberal Moderno, por exemplo, define homens e mulheres como cidadãos iguais, porém no código sexual dominante é perceptível a ambiguidade entre estes sujeitos. Bourdieu (2012) complementa sobre o papel do Estado, o qual reforça e ratifica os princípios do patriarcado na sociedade, influenciando diretamente nas relações familiares. Nesse viés, as mulheres têm menos chances de serem encontradas na esfera pública e com a consolidação do capitalismo e de suas ligações com o Estado, essa realidade se ampliou principalmente através do matrimônio monogâmico, a qual resultou na retirada das mulheres do espaço público (Connell, 2015).

Nas relações sociais capitalistas, há o trabalho renumerado e no seu âmago, existe o trabalho não-pago, ou seja, o trabalho doméstico e de cuidados. Nas sociedades contemporâneas, as atividades domésticas como limpeza, cozinha, costura e o cuidado com as crianças são frequentemente associados a uma definição cultural das mulheres como pessoas cuidadas,

¹ Pode ser compreendido como um sistema ideológico, que nega, denigre e estigmatiza qualquer forma não heterossexual de comportamento, identidade, relacionamento ou comunidade. Este sistema ideológico produz privilégios para pessoas que seguem normas heterossexuais e exclui aquelas que as seguem (Souza & Pereira, 2013, p 84).

frágeis, gentis e outros (ibid., 2015). Outra categoria apontada por Cisne e Santos (2018) é a divisão sexual/racial do trabalho, a qual estabelece intrínseca relação com as relações patriarcais de sexo.

As autoras pontuam dois princípios, os quais são determinados como invariantes nessa categoria, a saber: a **hierarquia**, a qual acrescenta valor ao trabalho masculino em detrimento do feminino; e a **separação** entre os trabalhos de homens e mulheres. Perante a este cenário de dominação-subordinação do sexo feminino e das determinações de trabalhos masculinos e femininos, as quais são frutos de uma convivência social mediada pela cultura, as mulheres buscaram e ainda buscam por meio das discussões feministas uma sociedade igualitária para homens e mulheres, o primado da diferença sem hierarquia e ambiguidade (Saffioti, 2004).

O feminismo contribuiu teoricamente para os debates sobre gênero, buscando uma igualdade entre os sexos em diversos segmentos sociais, em especial a educação. Neste aspecto, muitas mulheres enfrentaram martírios para ter acesso ao processo educacional e seguir uma carreira científica, devido a uma sociedade que oportuniza relações de subordinação da mulher ao homem e a opressão na vida social, profissional e familiar.

3.2 A Participação das mulheres na ciência: Problematizações sobre as diferenças de gênero

A produção do conhecimento científico consiste na elaboração de novos saberes, a qual coopera para a construção da realidade. Seu sentido mais nobre está voltado para a contribuição da plena emancipação humana, por meio da socialização de informações, agindo de maneira ativa e comprometida com as necessidades do ser humano presentes na sociedade (Brandão, 2011). Desde seu surgimento o fazer científico estava muito voltado ao sexo masculino e para adentrar neste espaço, as mulheres enfrentaram inúmeros desafios. Estas foram excluídas da ciência por razões construídas historicamente, como as relações desiguais de gênero. Em razão deste fenômeno, sofreram discriminações e preconceitos na busca de efetivar sua participação no âmbito científico (Carvalho & Casagrande, 2011).

Schienbinger (2001) aponta algumas razões para a exclusão das mulheres: primeiramente, o conhecimento elaborado pelo sexo feminino não poderia ser considerado científico; em segundo, a este público era proibido frequentar lugares públicos, como bibliotecas, universidades, socializar os resultados de suas investigações e até discutir sobre seus conhecimentos com os cientistas. Desse modo, Carvalho e Casagrande (2011) discutem a curiosidade humana como uma criatividade ilimitada, a qual não obedece a barreiras “e assim, as mulheres, como seres humanos [...] produziram conhecimentos científicos, apesar de muitas terem sido mantidas na invisibilidade” (ibid., 2011, p. 23). Apesar dos esforços da sociedade dominante em mantê-las em espaços privados, houveram mulheres que se destacaram na ciência ao logo da história. A primeira mulher considerada cientista na história, foi Hipátia de Alexandria (335-415 d. C).

Esta cientista viveu na Grécia Antiga, produziu diversos conhecimentos nas áreas da filosofia, astronomia, mecânica e matemática. Quando jovem, viajou para Atenas, para completar sua educação na Academia Neoplatônica, logo destacou-se pelos esforços de associar o raciocínio matemático ao conceito neoplatônico (Manojlovic, 2014). Posterior a Hipátia, tem-se registros do público feminino na ciência nos anos iniciais da Revolução Científica no século XVI. As “mulheres de alta estirpe eram encorajadas a saber algo sobre a ciência [...] observavam os céus através de telescópios, inspecionando a lua e as estrelas” e analisavam insetos e vermes platelmintos (Schienbinger, 2001, p. 64).

Destaca-se neste contexto Maria Gaetana Agnesi, nascida em Milão, na Itália. Incentivada pelo pai a desenvolver conhecimentos matemáticos, físicos e outras ciências. Esta publicou aos 20 anos de idade sua primeira obra, escrita em latim *Propositiones Philosophicae*, a qual defende o direito à educação universitária as mulheres (Carvalho & Casagrande, 2011). Para Silva (2012) essa negação nos espaços acadêmicos e na ciência, foram estruturadas em bases masculinas, as quais excluíam as mulheres e suas produções intelectuais por meio de discursos naturalizados sobre as diferenças entre os sexos. Tais

diferenças, determinavam os papéis sociais de homens e mulheres. Em virtude deste processo, as cientistas foram isentas da história da ciência.

A principal obra de Agnesi foi o *Instituzioni Analitiche ad uso della Gioventú*, conhecida como o primeiro tratado de cálculo escrito de maneira didática. Outra pioneira nos conhecimentos matemáticos, nascida na França, chamava-se Sophie Germain, a qual desenvolveu estudos sobre a vibração em superfícies esféricas e teoria dos números (ibid., 2012). Carvalho e Casagrande (2011) enfatizam as dificuldades enfrentadas por Germain para desenvolver seus estudos, esta estudava a luz de velas e abrigava-se com cobertores, pois chegaram a cortar a luz e o aquecimento de seu quarto. Para dar continuidade em sua formação, mudou-se para Paris e ingressou na *Ecole Polytechnique* sob o pseudônimo de Antoine August Leblanc.

As desigualdades existentes entre homens e mulheres afetaram a entrada desse público no mundo ciência, levando-as a vestir-se de homem para frequentar espaços ditos científicos. Este processo é resultado de uma construção sócio-histórico do patriarcado. Enquanto o masculino abdica-se de muitos afazeres para dedicar-se ao âmbito público, a mulher possui diversos afazeres privados (Costa & Schwantes, 2017). Sobre este aspecto, Bourdieu (2012, p.18) salienta sobre como a visão androcêntrica² está imersa na ordem social, a qual tende a ratificar a dominação masculina por meio de diversos fatores, cabe destacar aqui, a divisão social do trabalho. Tal divisão distribui de maneira restrita atividades “de seu local, seu momento, seus instrumentos, estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres [...]”.

A escocesa Mary Fairfax Greig Somerville (1780-1872) também enfrentou dificuldades em seu processo de produção do conhecimento, pois neste período, as mulheres eram proibidas de frequentar bibliotecas, comprar livros, além da oposição do pai, o qual não concordava com seus interesses ditos “masculinos”. Somerville, dedicou-se a desenvolver diversos saberes em matemática, física e astronomia (Carvalho & Casagrande, 2011). Para exercer o fazer científico, as mulheres com frequência observavam e ajudavam seus pais, maridos, irmãos em laboratórios. Muitas inquietações e pesquisas realizadas pelo sexo feminino eram divulgadas em nome dos cientistas, devido a um contexto de proibições e restrições impostas as mulheres, estas não podiam ocupar cargos ou ser membros de comunidades científicas (Silva, 2012).

Outra cientista que merece destaque, é Marie Curie, a qual compartilhou reconhecimento com seu marido Pierre Curie e juntos alcançaram fama por seus méritos, estes foram os primeiros a dividir um Prêmio Nobel em 1903. “Os historiadores da ciência estudaram a colaboração entre maridos e mulheres e como, especialmente para as mulheres, o casamento serviu como um caminho informal para a ciência” (Schienbinger, 2001, p. 71).

Nota-se as inúmeras dificuldades enfrentadas pelas mulheres citadas para produzir ciência, esta realidade estava presente em vários países do mundo. Apenas a partir da segunda metade do século XIX passa a ocorrer o acesso do público feminino nos espaços universitários, mesmo com essa conquista, muitas barreiras se fizeram presentes no desenvolvimento de conhecimentos científicos femininos (Carvalho & Casagrande, 2011). Segundo as considerações dos autores, o conhecimento desenvolvido pelas mulheres não poderia ser definido como um saber, pelo fato de ser “feminino”. Diante desses discursos, a produção científica desse público teve um desenvolvimento tardio e muitas cientistas ficaram na invisibilidade até hoje. Verifica-se como o mundo da ciência está estruturado em bases masculinas, as quais excluem as mulheres.

Na contemporaneidade, a mulher tem se destacado nas atividades ditas científicas, mesmo diante de um cenário de preconceitos e desigualdades de gênero. Estas avançaram de maneira significativa, conquistando espaços os quais eram ocupados apenas por homens. Neste contexto, outro fator deve ser suscitado, o qual interfere diretamente na possibilidade de as

² Define-se como uma das principais características do sistema patriarcal, a qual está baseada em uma perspectiva exclusivamente masculina (Bourdieu, 2012).

mulheres desenvolverem-se e produzirem conhecimentos científicos nos dias de hoje, a divisão sexual do trabalho (Silva, 2012).

Brito et al (2022) discutem sobre a escolaridade das mulheres, a qual têm apresentado destaque por passar o nível da educação masculina, contudo, tal aspecto pouco influencia no mercado de trabalho, ou, numa posição de maior poder hierárquico. Para Cisne e Santos (2018, p. 66) as diferenças entre homens e mulheres se ampliam com a divisão sexual do trabalho, tendo como fundamento a ideologia patriarcal e a categorização assimétrica dos sexos. Estas especificidades são definidas “[...] pelo que é um homem e uma mulher, o que é ou não trabalho, o que tem ou não valor, o que é ou não produção [...]”.

No âmbito da ciência há semelhanças, enquanto os homens possuem tempo integral para realizar suas pesquisas, as mulheres, principalmente casadas e com filhos, não têm as mesmas possibilidades de produzir conhecimentos científicos (Carvalho & Casagrande, 2011). Contudo, é perceptível como as mulheres conquistaram espaço na esfera pública, pois estão presentes em inúmeras atividades.

De acordo com os dados do CAPES/MEC (2019), as mulheres estão presentes na graduação e pós-graduação mais que os homens, este dado reflete positivamente na produção do conhecimento científico desse público. Segundo o site Agência Brasil (2019) em uma pesquisa realizada pela Organização dos Estados Ibero-Americanos – OEI as mulheres assinam 72% dos artigos científicos publicados no Brasil, como autora e coautora entre os anos de 2014 à 2017.

Ainda conforme os dados da Agência Brasil (2019), as mulheres também são maioria entre bolsistas da CAPES, autarquia vinculada ao MEC. O público feminino representa um total de 60% de beneficiários na pós-graduação e nos programas de formação de professores. Referente ao quadro docente das Universidades Brasileiras Públicas, o cenário modifica-se, os homens são a maioria, com 54,5% e as mulheres com 45,5% aproximadamente 10% de diferença.

Portanto, as discussões apresentadas possibilitaram compreender as relações existentes entre gênero e ciência, bem como as inúmeras restrições colocadas as mulheres em uma sociedade alicerçada nas heranças do sistema patriarcal, capitalista e racista. Tais heranças ainda são visíveis na contemporaneidade, mas, ainda assim, elas estão produzindo ciência e contribuindo com seus saberes para o avanço da humanidade.

3.3 A mulher no mercado de trabalho: As relações sociais de gênero

A partir da mundialização/consolidação do capitalismo surgem novos princípios de organização do trabalho, consolida-se a reestruturação produtiva, a flexibilidade da mão de obra, ampliando os mecanismos de exploração da força de trabalho, cujos efeitos refletem como a classe trabalhadora, em especial a representada pelas mulheres. É perceptível neste cenário o aumento do trabalho feminino em muitos e novos espaços de trabalho (Pereira et al, 2005).

O aumento da força de trabalho do sexo feminino no mercado de trabalho ampliou o processo de reprodução das desigualdades e discriminações sociais, dentre as quais pode-se destacar a questão salarial. Outro ponto importante, é o aumento das jornadas de trabalho quem recaem sobre as mulheres, pois de acordo com a construção sociohistórica da sociedade fundamentada e (re) produzida pelo capitalismo, patriarcalismo e racismo, a mulher passa a ser inserida no mercado de trabalho, mas continua tendo as “obrigações” pelos cuidados da casa e dos filhos sob sua responsabilidade (ibid., 2005).

Estas evidências históricas indicam o quanto está arraigado no âmago da sociedade, a ideia da incompatibilidade da mulher com a vida pública, com a produção de ciência, com a gestão devido sua constituição biológica de ser mãe, da fragilidade. Para Cisne (2015) as análises de gênero não devem apenas delinear as classificações, mas identificar os significados impostos e como estes interferem e contribuem para o mundo do trabalho.

Segundo, Firmino et al (2015), as relações desiguais de gênero afetam o trabalho das mulheres em diversos espaços, especificamente o universitário, uma vez que são alvos de abuso de poder por parte de chefias, como o assédio sexual. No entanto, mesmo diante de barreiras, o público feminino difundiu-se por carreiras antes somente dominadas por homens e expandiu-se nos espaços como a Educação Superior.

O número de estudantes do sexo feminino nas Universidades Brasileiras é maior, contudo, as mulheres ainda são minoria entre os docentes as Instituições de Ensino Superior públicas conforme os dados citados anteriormente do INEP, CAPES/MEC e do site Agência Brasil (2019). No ICSEZ/UFAM, são 77 profissionais compõem o corpo docente, 45% são mulheres e 55% por homens, nota-se a maior presença masculina entre os (as) professores (as) da instituição. Diante disso, foi questionado aos professores/pesquisadores participantes da pesquisa, como estes compreendiam as relações sociais de gênero no ambiente acadêmico, visto que há a predominância do sexo masculino. Dentre os 10 entrevistados, 07 afirmaram que as relações na instituição não são igualitárias.

Conforme os relatos dos entrevistados:

Bem desiguais, bem desiguais a gente sofre muito com a questão do assédio, é tanto sexual quanto assédio moral pelo simples fato de ser mulher, então isso acaba desqualificando o trabalho, como se fosse um trabalho menor, subalternizado, então as relações são bem discrepantes mesmo (S.S.M2, Pesquisa de Campo, 2019).

Igualitárias não, mas em alguns momentos há o respeito, em outros momentos não, nós podemos ver pela própria gestão do instituto, não tem nenhuma mulher né, são três homens, se nós pensássemos mais aprofundadamente não é coincidência, se nós pensássemos mais a questão de gênero a gente priorizaria, já são três homens, por que não uma mulher e dois homens ou duas mulheres e um homem? [...]. “Porque são homens, macho, eles têm pulso pra dirigir”, o que eu não concordo, mas muita gente pensa dessa forma (P.M, Pesquisa de Campo, 2019).

Percebe-se nos dísticos dos professores/pesquisadores uma concordância quanto as relações sociais de gênero na instituição são desiguais. Um fato que chama atenção é a questão do assédio moral, visto na fala de S.S.M2 como um problema que as mulheres sofrem no processo de desenvolvimento do trabalho das professoras do ICSEZ/UFAM. Para Firmino et al (2015) e Cisne (2015), isto incide na desvalorização das atividades realizadas pelas mulheres.

Na fala do participante P.M identifica-se a questão de a gestão estar associado ao sexo masculino. É importante destacar sobre este fator que desde a materialização da instituição, a direção administrativa e os colegiados dos cursos estiveram sob controle dos homens e os colegiados dos cursos em sua maioria são delegados também por homens, pois segundo os estereótipos estabelecidos pela sociedade o sexo masculino tem “pulso” para administrar e dominar.

Destarte, verifica-se nestes pressupostos a ausência de reflexões em relação a igualdade de gênero no instituto, como elucidado por Bourdieu (2012) a visão androcêntrica está enraizada na ordem social e não nos permite refletir em estratégias e caminhos para dirimir as desigualdades entre homens e mulheres em todas as esferas da vida social. Este androcentrismo é notório no ambiente acadêmico do ICSEZ/UFAM, o interlocutor E.F.M expõe ter vivenciado uma situação desagradável por ser mulher:

Eu vou falar que eu já fiquei desconfortável uma vez com uma situação pelo fato de ser mulher, fiquei desconfortável em uma conversa com um colega e outra pessoa do sexo masculino estava conversando com nós dois sobre o mesmo assunto, mesmos interesses e essa pessoa me tratou como se eu fosse praticamente sombra, como se eu não tivesse presente, isso me incomodou um bocado [...] (Pesquisa de Campo, 2019).

A partir do discurso é perceptível seu constrangimento diante dessa circunstância, pois atualmente muitos são os debates sobre a igualdade de gênero, mas ainda assim as mulheres enfrentam um conjunto de discriminações no espaço de

trabalho como elucidado. É importante sinalizar também sobre a desigualdade de gênero, a qual resulta em relações sociais conflituosas, desumanizadoras, especificamente para a mulher, pode-se afirmar esta assertiva no relato acima.

Questões como estas são permeadas pela herança cultural firmada há décadas, a qual espelha diretamente nas relações sociais entre os sexos. Nota-se como as relações de poder estão presentes em todas as construções e instâncias sociais, inclusive no espaço universitário. De acordo com as discussões de Saffioti (2004) as desigualdades de gênero estão fundamentadas nos princípios patriarcais, as quais se metamorfoseiam com a dinâmica social.

A inserção da mulher no mercado de trabalho desde o princípio esteve/está permeada de questionamentos da sociedade e são colocados muitos desafios para a manutenção deste público no mundo do trabalho, tais como: assédio e desqualificação/desvalorização do trabalho. Estes obstáculos são visíveis na contemporaneidade e no ICSEZ/UFAM, os quais ampliaram-se principalmente com a consolidação do sistema capitalista.

Diante das problemáticas apresentadas pelos participantes da pesquisa, notou-se um aspecto imprescindível em seus discursos, a saber: os ínfimos debates sobre as relações sociais de gênero no instituto. O discurso de S.S.M1 corrobora com as falas dos demais quando expõe “essa discussão não é debatida, a gente não consegue dialogar sobre as relações de gênero [...] eu percebo como ausente essas discussões né?” (Pesquisa de Campo, 2019).

A princípio os professores/pesquisadores apontam o debate como um dos meios para se pensar em mudanças no ambiente acadêmico, como também para dar visibilidade as problemáticas de gênero no ICSEZ/UFAM. Como discutido as desigualdades de gênero influenciam também no desenvolvimento das atividades das mulheres no espaço acadêmico, desse modo torna-se importante discutir sobre gênero na Universidade.

Em vista disso, a Associação de Docentes da UFAM (ANDE/ADUA) promoveu em outubro de 2018 uma campanha contra assédio no ambiente acadêmico. Esta teve como objetivo discutir o assédio como forma de violência e, resultado das opressões e explorações de classe, as quais são perpetuadas em diversos espaços de trabalho, em especial o acadêmico. A preocupação em debater sobre esta questão surgiu das escassas discussões na UFAM e também das inúmeras denúncias de assédio na instituição (ADUA, 2018).

O participante Z.M evidencia a relevância das campanhas, chamadas e outros, sobretudo é preciso promover ações mais efetivas para provocar mudanças nas relações sociais entre os docentes do ICSEZ/UFAM. Segundo o relato da entrevistada:

É importante discutir igualdade de gênero, equidade de gênero, aqui no instituto pouco se discute, mas além da pouca discussão é difícil colocar em prática. [...] na prática poucas coisas estão sendo praticadas pra se evitar e pra resolver problemas que já acontecem, então é preciso fazer de forma mais efetiva porque não tá funcionando é aluna que constantemente vem comigo, alunas de outros colegiados que vem desabafar a questão de perseguição, assédio [...], nenhum menino, nenhum homem, sempre são alunas, então é um problema que tá acontecendo (Pesquisa de Campo, 2019).

É perceptível a partir do discurso o descontentamento em relação a falta de praticidade das ínfimas discussões feitas em relação ao gênero no instituto. Percebe-se também a emergência de medidas efetivas para combater o assédio, o qual ocorre frequentemente com o público feminino, na fala “[...] nenhum menino, nenhum homem, sempre são as alunas” podemos constatar tal assertiva, uma vez que as mulheres estão mais vulneráveis a estas questões devido a uma política piramidal de dominação.

Cabe aqui destacar outro ponto importante elucidado anteriormente por Silva (2012) e Schienbinger (2001) referente a constituição dos espaços acadêmicos, o qual está estruturado em bases exclusivamente masculinas, as quais influenciam na exclusão e vulnerabilidade das mulheres e, muitas vezes incide na desvalorização do trabalho docente. Estes fatores elencados são algumas das manifestações das desigualdades nas relações sociais de gênero presentes no contexto do ICSEZ/UFAM.

Mediante aos fatos discutidos, nota-se o quanto a instituição necessita criar caminhos para o enfrentamento das divergências de gênero neste espaço, como por exemplo: a possibilidade de criação de um foro, com intuito de discutir estas problemáticas, pensar em possibilidades para a mudança das relações hierarquizantes de opressão e exploração entre os sexos e assim viabilizar novas relações baseadas na equidade entre os gêneros.

3.4 A divisão sexual do trabalho e produção acadêmica

Com a vigência de um modelo novo de acumulação flexível na era da mundialização do capital, o qual resultou em modificações significativas na condição de trabalho dos homens e especialmente das mulheres, permitiu a feminização e uma maior precarização do trabalho feminino. Este processo estabelece intrínseca relação com a divisão sexual do trabalho, diante disso faz-se necessário discutir sobre esta divisão (Nogueira, 2004).

Na dicotomia entre público e privado, desenvolveu-se a divisão sexual do trabalho, “homens provedores e mulheres cuidadoras”. Nesta perspectiva, as atribuições sociais limitam as mulheres a permanecer no âmbito privado e delega aos homens como “destino natural” o espaço público. Cisne e Santos (2018) evidenciam dois princípios fundamentais da divisão sexual do trabalho, **os princípios da separação e hierárquico** como mencionado anteriormente. As autoras Hirata e Kergoat (2007, p. 600) complementam que esta divisão sexual apresenta uma incrível plasticidade, a qual resulta em novas configurações. Nessa órbita, destaca-se a priori a precarização e a flexibilização do emprego, pois “constata-se que a divisão sexual do trabalho amolda as formas de trabalho e do emprego, e reciprocamente, a flexibilização pode reforçar as formas mais estereotipadas das relações sociais de sexo”.

Para Cisne (2015) a inserção da mulher no mercado de trabalho, não significou a ruptura com a “sua” responsabilização com as atividades domésticas e reprodução social, estas atividades direta ou indiretamente são das mulheres. Desse modo, algumas especificidades elencadas sobre a divisão sexual do trabalho são perceptíveis nos dísticos dos professores/pesquisadores entrevistados, no momento o qual foram questionados como conciliavam a vida pessoal com as atividades acadêmicas.

Dentre os 10 entrevistados, 7 são casados (as) e 3 solteiros (as), analisaremos primeiro o grupo de casados. Segundo a fala dos entrevistados:

Quase não tenho vida pessoal, então é UFAM pra casa e casa pra UFAM. No âmbito doméstico a gente divide as atividades, um faz a comida outro lava a louça, é difícil fazer essa conciliação, mas sobrecarrega muito mais ela com certeza (Z.H, Pesquisa de Campo, 2019).

Não consigo conciliar, primeiro porque tenho múltiplas tarefas né, é Universidade, família, tarefas com a maternidade, tarefas domésticas também, então eu não consigo administrar muito bem isso [...]. Eu tenho a cuidadora da minha filha, da minha casa eu geralmente divido as tarefas, eu divido com a minha cuidadora (S.S.M1, Pesquisa de Campo, 2019).

Percebe-se no discurso do interlocutor Z.H a dedicação maior ao trabalho, este é casado e não tem filhos, com isso torna-se mais fácil dedicar-se ao âmbito profissional. É perceptível também a divisão das atividades domésticas entre eles, sobretudo a sobrecarga maior recai sobre a mulher. Como salientado por Cisne (2015) a inserção do público feminino no mercado de trabalho não retirou as “responsabilidades” da mulher no âmbito doméstico.

O relato do entrevistado Z.H corrobora com as falas dos professores pesquisados, em relação a divisão dos afazeres com suas esposas no espaço familiar. Este fator pode estabelecer relações com a formação universitária desse público, pois no espaço universitário existem algumas discussões sobre a igualdade de gênero, as quais acabam resultando na tomada de consciência do público masculino no que concerne à divisão do trabalho doméstico.

Referente ao dístico do participante S.S.M1, nota-se a dificuldade em articular a vida pessoal com a acadêmica devido as inúmeras tarefas postas a ela, como mãe, esposa e professora. Tais especificidades foram discutidas anteriormente por Carvalho e Casagrande (2011) e Cisne (2015), as quais estão interligadas com a divisão sexual do trabalho, enquanto os homens possuem tempo para dedicar-se ao trabalho, as mulheres casadas e com filhos não têm as mesmas possibilidades devido as diversas tarefas do cuidado, maternidade e outras.

A especificidades citadas acima são semelhantes com a realidade dos interlocutores P.M e Z.M, as quais desdobram-se para cumprir a dupla jornada de trabalho como evidenciado por Nogueira (2004) e outros autores. Por meio dos relatos dos entrevistados, notou-se um fator comum, a “externalização” dos afazeres domésticos, ou seja, possuem ajuda de outras mulheres para realizar “suas” atividades do âmbito familiar, segundo Hirata e Kergoat (2007) só dessa maneira estas mulheres conseguem atender as demandas do trabalho produtivo.

Concernente ao grupo de solteiros, percebe-se uma melhor conciliação da vida pessoal com as atividades acadêmicas, uma vez que não possuem filhos e nem familiares no município de Parintins, este aspecto influencia na dedicação dos participantes ao trabalho. A fala de E.F.M ratifica com os relatos de E.F.H e A.D.M.M, quando diz “ah, atualmente eu não tenho familiares aqui, então não tá sendo difícil porque estou com dedicação exclusiva, exclusiva mesmo nas atividades do trabalho” (Pesquisa de Campo, 2019).

Em relação as atividades domésticas, ambos têm auxílio de uma mulher para realizar estas atividades, nota-se novamente a presença das mulheres nesse contexto. Como sinalizado por Sousa e Guedes (2016), as atividades domésticas são atribuídas ao público feminino, tais determinações sociais restringem as mulheres a manter-se no âmbito privado, desenvolvendo o trabalho reprodutivo.

Os inúmeros afazeres tanto no espaço público (universidade) e privado (doméstico), demandam tempo do professor/pesquisador. De um lado estão as atividades acadêmicas voltadas ao tripé da Universidade, de outro as atividades da esfera doméstica. Assim sendo, foi indagado aos participantes da pesquisa como estes avaliavam sua produção acadêmica diante dessas diversas atividades. De acordo com os dísticos, 60% relataram que a produção está prejudicada, dentre esse percentual, as mulheres se destacam e 40% afirmaram está relativamente boa.

Segundo as falas:

A demanda de trabalho é muito grande, é na docência, é na questão da extensão, da pesquisa [...] quando a gente vai pra casa, tem trabalho também [...]. Me esforço muito pra dar conta, mas avalio que está baixa, principalmente no campo da publicação [...] eu não consegui mais tempo por conta da conciliação de todas essas atividades, e eu tenho bastante, tipo stand by de artigos, livros, mas final de semana tem outras demandas do trabalho e atenção a casa (P.M, Pesquisa de Campo, 2019).

[...] às vezes um final de semana eu tiro uma tarde ou um período da noite pra eu fazer minhas atividades, uma coisa assim que eu aprendi há muito tempo é não deixar acumular [...]. Eu produzo em média 2 textos por ano para publicação, além das minhas aulas e outras atividades [...], mas sempre me planejo pra eu estar com a família todos os dias no almoço e sempre nos fins de semana (C.S.H, Pesquisa de Campo, 2019).

No relato de P.M identifica-se a sobrecarga de trabalho vista como um dificultador para a produção acadêmica, pois além dos dias da semana, estes também possuem demandas de trabalho nos fins de semana. Ainda se constata uma angústia diante dessa sobrecarga e a conciliação com outras atividades, levando em consideração ser mãe, esposa e trabalhadora.

O docente C.S.H compõe o percentual de 40%, este afirmou está com sua produção acadêmica boa, devido a sua organização de tempo e das atividades. Como discutido anteriormente por Carvalho e Casagrande (2011), o homem possui tempo suficiente para destinar ao trabalho, mesmo existindo a divisão das atividades no âmbito doméstico, a carga maior recai sobre o público feminino.

Em relação a atenção à família, os professores/pesquisadores P.M e C.S.H assim como os demais pesquisados que possuem família no município, mesmo diante das várias atividades, buscam estar em seus núcleos familiares e expõem a importância do papel desta. É perceptível por meio dos discursos, principalmente dos participantes com uma produção acadêmica boa, o apoio da família como um denominador comum neste processo de produção.

É relevante salientar como o núcleo familiar é importante para a reprodução do próprio sistema capitalista, como também para a concretização da divisão sexual do trabalho como afirma Ávila (2015). Nota-se através das falas como essa divisão das atividades domésticas com a esposa ou com mulheres contratadas para exercer tais atividades, caracterizam-se como um apoio para a produção científica dos professores/pesquisadores.

A partir dos dados percebe-se características da ligação entre o capital, patriarcado e racismo e, da nítida divisão sexual do trabalho presente no cotidiano dos pesquisados, permitindo ao homem uma melhor condição de trabalho em relação as mulheres docentes da instituição, os quais refletem em conjunto de fatores, especialmente no produtivismo acadêmico dessas profissionais. De acordo com Ávila (2015) estas especificidades não devem ser vistas de maneira isolada, mas pertencente a um sistema de dominação social, cultural, político, ideológico e econômico.

Portanto, todos os elementos aqui discutidos são apropriados pelo capital como forma de exploração da força de trabalho e ampliação de lucros, uma vez que amortece o custo da reprodução da força de trabalho. Sob esta égide o trabalho desenvolvido pelo público feminino é visto com naturalidade, como dons, perdendo seu caráter de trabalho. Ademais, o modo de produção capitalista gera desigualdades e apropria-se do patriarcado e racismo para se metamorfosear.

3.5 O produtivismo acadêmico e a participação de homens e mulheres

O neoliberalismo é visto como motor funcional do capitalismo globalizado, desse modo, se espalha dos contextos privados para os públicos, os quais organizam-se por esta lógica, fundamentada pelo produtivismo, competição e precarização. Neste panorama, em meio as privatizações e mercantilização estão as Universidades Públicas Federais que passam a ocupar um lugar de formação e produção acadêmico-científico (Oliveira et al., 2017).

Os autores expõem também como a nova ordem do capital resultou em reformas no ensino superior modificada por meio do CAPES e CNPQ, as quais acentuaram o produtivismo acadêmico. Entre as distintas dimensões do trabalho docente, a pesquisa é uma das mais prestigiadas, através dela, as Universidades e profissionais são avaliados em sua qualidade e produtividade, diante disso, indaga-se, o que é o produtivismo acadêmico?

Zandoná et al (2014) discute o produtivismo acadêmico como uma produção intelectual de professores/pesquisadores, desenvolvida em um espaço de tempo específico, crescente conforme a qualificação acadêmica (titulação). O produtivismo acadêmico tornou-se uma referência importante no trabalho dos docentes das IES e um fator primordial para o desenvolvimento do Currículo Lattes. Neste cenário há uma evidente sobrecarga de trabalho, uma vez que existem outras atividades além da Pesquisa, como o Ensino e a Extensão.

No âmago deste contexto, uma nova configuração se apresenta nas Universidades Públicas Brasileiras, a saber: o sofrimento dos professores diante dessas exigências e do avanço da ideologia neoliberal. Diante da pressão para o desenvolvimento da produção científica, os docentes têm vivenciado diversas alterações no significado do trabalho, as quais estão ocasionando o sofrimento e adoecimento desses profissionais (Oliveira et al., 2017).

Em vista dos aspectos apresentados sobre o produtivismo, cabe aqui realizar uma comparação da produção científica dos professores/pesquisadores participantes da pesquisado ICSEZ/UFAM por meio do Currículo Lattes desses profissionais. Foi comparado publicações de artigos, livros e participações em eventos nos anos de 2014 a 2018.

Constatou-se através da Plataforma Lattes (2019), a maior presença das mulheres nas publicações de livros com 79% e na participação em eventos com 53% mais que os homens, contudo em relação a publicação de artigos completos em revistas

o público masculino possui um percentual de 22% a mais que o feminino. É perceptível como o público feminino mesmo diante de inúmeras demandas ora acadêmicas, ora no âmbito doméstico obtêm êxito nas atividades científicas mencionadas.

Nesse sentido, pode-se destacar as publicações em revistas, as quais exigem do pesquisador (a) tempo e uma maior cientificidade devido aos critérios rigorosos, e o público feminino muitas vezes não possui esse tempo para dedicar-se, em virtude dos diversos afazeres desenvolvidos. Concernente as publicações de livros e participação em eventos os níveis de exigências são menores comparados a preparação de artigos para as revistas, então as mulheres acabam sobressaindo-se nessas atividades,

Outro ponto importante é a pressão sofrida pelos docentes para produzir cientificamente, como discutido anteriormente por Oliveira et al (2017), por meio da produção acadêmica os professores e a instituição são medidos pela produtividade e a qualidade. No ICSEZ/UFAM esta realidade não é diferente, contudo, existe uma ambiguidade, de um lado há essa cobrança pelo produtivismo, por outro há a falta de suporte técnico e financeiro do instituto para subsidiar a pesquisa.

Em vista desses aspectos citados e das desigualdades de gênero presentes nas relações sociais em diversos espaços, em especial o acadêmico, foi indagado aos participantes da pesquisa como estes percebiam a produção acadêmica de homens e mulheres pesquisadores na instituição. Dentre os 12 entrevistados (10 professores, Diretor Administrativo e Coordenador do Comitê Científico), 3 afirmam que as mulheres produzem mais, 5 acreditam ser os homens, 4 não souberam responder. Desse modo, veremos a priori os dísticos dos 3 interlocutores:

Eu ainda não parei pra perceber se nós temos mais professores homens ou mulheres e nem mais alunos ou alunas [...] mas percepção que eu tenho é que a comunidade feminina do ICSEZ/UFAM alunas e professoras, eu tenho essa percepção que elas pesquisam mais que nós homens alunos e professores (C.S.H, Pesquisa de Campo).

Eu posso ver assim que as mulheres até pela quantidade, elas têm participado mais de pesquisas voltado pelo lado social, e os homens mais voltado pelo lado produtivo, pelo lado que tem impacto assim diretamente na comunidade, me refiro assim na questão da produtividade principalmente envolvendo a questão econômica, não que a mulher não participe, ela participa de muita coisa, mas eu acho assim que a mulher tem participado muito mais desse lado social (DIRETOR ADMINISTRATIVO, Pesquisa de Campo, 2019).

Conforme a fala de C.S.H as mulheres produzem cientificamente mais do que os homens, mas como visto nos dados analisados, essa assertiva não é totalmente verdadeira, concernente a publicações em revistas, o público feminino tem uma porcentagem menor em relação ao masculino. De acordo com este participante, tanto as alunas quanto as professoras são bem mais ativas nas pesquisas científicas do que alunos e professores.

Este discurso corrobora com o relato do Coordenador do Comitê Científico do instituto ao falar sobre sua percepção em relação a participação das discentes na iniciação científica “[...] as mulheres pesquisam mais e alguns trabalhos né, na apresentação dos CONIC alguns trabalhos maiores e apresentados melhores foram do gênero feminino” (Pesquisa de Campo, 2019).

Desse modo, é relevante mencionar sobre o surgimento do fazer científico, o qual está fundamentado exclusivamente em bases masculinas, sobretudo, o público feminino a passos curtos está desmitificando esse aspecto. Pode-se notar essa desmitificação no cenário nacional por meio de sua maior participação nos programas de pós-graduação e no contexto do ICSEZ/UFAM nas pesquisas de iniciação científica, nas publicações de livros e outros.

Referente ao dístico do Diretor Administrativo é perceptível como a pesquisa realizada pelo público masculino é muito mais “produtiva” e tem “impactos” maiores na sociedade em comparação as pesquisas femininas. Esta assertiva estabelece relação com a discussão de Bourdieu (2012), sobre a determinação das atividades de homens e mulheres e, mesmo quando exercem trabalhos iguais há estereótipos e desigualdades nessas relações devido a atribuição de afazeres aos corpos, as quais definem as áreas onde mulheres devem atuar.

Os outros 5 participantes, os quais afirmam ser os homens que mais produzem cientificamente na instituição, fundamentam sua percepção na lógica da divisão sexual do trabalho, da dupla jornada de trabalho das mulheres e das desigualdades existentes no ambiente acadêmico. Segundo os relatos dos participantes da pesquisa:

Acho que homens e mulheres não têm a mesma condição de pesquisa porque por mais que o homem rompa com os elementos do machismo pra ele se dedicar a família e se dividir, mas isso é pouco, muito pouco. A sobrecarga de atenção aos filhos e a casa recai sobre a mulher doutora e o que ela for [...] (P.M, Pesquisa de Campo, 2019).

Não temos as mesmas condições de pesquisa aqui no ICSEZ, porque ainda enfrentamos uma sociedade que subjuga demais a capacidade da mulher né, isso constantemente aqui e eu vejo no meu próprio colegiado que quando se faz as escolhas entre coordenadores de comitês representantes optam pelos os homens né [...] (Z.M, Pesquisa de Campo, 2019).

Para estes entrevistados, os professores/pesquisadores do instituto tem mais condições de realizar pesquisas e desenvolver sua produção acadêmica, pois a mulher como os interlocutores salientaram, possui uma dupla jornada e sobrecarga de trabalho, em virtude das atividades domésticas e cuidados. Mesmo com apoio dos homens, a maior carga recai sobre o sexo feminino como enfatizado por Barros e Mourão (2018), Cisne (2015) e outros.

Referente ao dístico de Z.M, constata-se como as relações sociais de gênero no ICSEZ/UFAM são desiguais e até as mulheres contribuem para a consolidação de tais desigualdades. Nas escolhas de gestão como sinalizado, a preferência são os homens, é notório neste aspecto a subjugação da capacidade do público feminino em gerir e comandar. Contudo, mediante a estes fatos, nota-se a partir dos dados colhidos do Lattes, como a mulher, professora, doutora, mãe têm obtido êxito em suas atividades científicas

Cabe destacar aqui, como as implicações de ser mulher e de toda sua polivalência não são levadas em consideração no momento o qual são exigidas a produção intelectual dos docentes, ou seja, o produtivismo acadêmico. Este fato se amplia ainda mais no contexto de neoliberalismo, sob ameaças de privatização e mercantilização das Universidades Públicas, ocasionando em exigências de produção em massa dos professores/pesquisadores.

Então, as mulheres ocupam o cargo de professoras/pesquisadoras, mas para manter-se nesse patamar, precisam abrir mão de algumas questões pessoais, familiares e outros, especificamente em um contexto, o qual o homem é mais referendado e valorizado no que tange a produção do conhecimento em relação as mulheres. Para Connel (2015), devido as determinações de sexo, o público feminino tem menos chances de estarem e permanecerem na esfera pública.

Concernente a sobrecarga do trabalho docente e o produtivismo acadêmico, o qual abarca tanto homens quanto mulheres, o Coordenador do Comitê Científico afirma “nós pesquisadores não terminamos nosso trabalho só dentro da Universidade, muitas vezes a gente chega em casa [...] e vai continuar esse processo de escrever, ler, pesquisar” (Pesquisa de Campo, 2019). Para ele, no atual cenário de desmantelamento da Universidade é essencial a produção acadêmica como forma de enfrentamento.

Se para os homens esta realidade é difícil, para o sexo feminino é bem maior, devido à sobrecarga de trabalho somada a dupla jornada de trabalho, e ainda são pressionadas a produzir cientificamente. Para as mulheres casadas e com filhos a situação torna-se mais onerosa. Levando em consideração estes aspectos, os participantes entrevistados foram questionados se o estado civil e o número de filhos influenciavam de alguma forma na produção acadêmica dos professores/pesquisadores.

Segundo os relatos:

Olha eu acho que sim, porque demanda tempo, demanda mais atenção e outras responsabilidades, mas eu não acho impossível [...]. Para a mulher, o impacto é maior, principalmente nos primeiros anos de vida da criança, com

certeza nesse período o bebê requer mais da mãe e os pais são bem mais ausentes (E.F.M, Pesquisa de Campo, 2019).

Eu acredito que sim, porque as mulheres, o que é natural das mulheres como mães é sempre ficar mais atenta aos filhos, isso é natural, é do ser humano da mulher ter esse cuidado, mas a mulher sabe se planejar muito bem, entre família, trabalho, pesquisa, tudo isso ela dar conta, ela dar um jeito no horário [...] (C.S.H, Pesquisa de Campo, 2019).

Em ambos os discursos se nota como os filhos e o estado civil influencia na produção acadêmica, principalmente para as mulheres nos anos iniciais da vida criança, uma vez que para o sexo feminino incide a responsabilidade do espaço doméstico e o cuidado com os filhos. Do ponto de vista biológico o sexo feminino tem como finalidade a procriação, reprodução social e prover a sobrevivência da prole, como discutido por Muraro e Boff (2010), Ávila (2015) e Bourdieu (2012).

No dístico de C.S.H percebe-se a naturalização das atividades “ditas” femininas, bem como a polivalência do ser mulher, quando afirma “[...] a mulher sabe se planejar muito bem, entre família, trabalho, pesquisa [...]”. Essa atribuição aos corpos femininos, são impulsionadas por constructos históricos do patriarcado, o qual tem incitado diversas desigualdades nas relações sociais de homens e mulheres, principalmente após o casamento monogâmico (Torrão Filho, 2005).

É notório a participação feminina na produção da ciência, apesar de suas lutas cotidianas para o enfrentamento das desigualdades existentes entre os sexos. No ICSEZ/UFAM, percebe-se como as relações sociais entre homens e mulheres são desiguais a partir da divisão sexual do trabalho, dupla jornada de trabalho e as diferenças postas entre os sexos são naturalizados, verifica-se esta assertiva através dos discursos dos participantes da pesquisa.

No que tange a pesquisa científica, as professoras/pesquisadoras da instituição buscam desenvolver sua produção acadêmica como evidenciou o comparativo do Currículo Lattes dos participantes, contudo, muitos estereótipos devem ser quebrados para as mulheres permanecerem neste processo. Deve-se compreender também como este fenômeno possui raízes profundas e está interligado com a coexistência do patriarcado, capitalismo e racismo (Ávila, 2015).

Torna-se importante destacar como a esfera universitária, mesmo diante de inúmeras discussões de cunho científico, ainda (re) produz em seu cotidiano as manifestações das desigualdades entre masculino e feminino. Outro ponto a ser destacado, são as ínfimas discussões sobre gênero no espaço acadêmico, tais discussões seriam essenciais para reverter esta realidade estereotipada enfrentadas pelas docentes.

Em síntese, este capítulo visou identificar como as relações sociais e desiguais de gênero estão presentes na produção do conhecimento científico desde o seu processo constitutivo. Mesmo diante das discussões, movimentos feministas e conquistas do público feminino, ainda existem formas camufladas de reprodução das desigualdades em diversos espaços, como também a atribuição dos trabalhos aos corpos amplia as diferenças entre masculino e feminino, como evidenciado no proceder desse estudo.

4. Considerações Finais

O processo de desenvolvimento da ciência e da produção de novos conhecimentos promoveram grandes avanços para a sociedade em todas as suas dimensões e sentimos os reflexos desses avanços em nosso cotidiano. Contudo, foi notório também a partir do conteúdo exposto a ínfima participação das mulheres na construção sócio-histórica da ciência moderna. Nesse sentido verificou-se como a ciência esteve/está fundamentada em bases nitidamente masculinas, sendo os ambientes científicos reprodutores de ideologias patriarcais e sexistas.

Notou-se que mesmo diante do progresso e modernidade, o público feminino continuou na invisibilidade e ainda na atualidade enfrenta diversas discriminações para adentrar e permanecer no espaço público, como o acadêmico, devido as relações desiguais de gênero embasadas nas especificidades do patriarcado, capitalismo e racismo.

O primeiro elemento constatado foi como as docentes do instituto estão inseridas em um ambiente acadêmico repleto de desigualdades nas relações sociais de gênero, desde a gestão da instituição até a coordenação dos cursos. Tais desigualdades influenciam de maneira negativa no trabalho destas mulheres, desqualificando-o como uma atividade subalterna comparada a dos homens, especificamente em um contexto de sucateamento da Universidade.

Quanto ao âmbito doméstico, a carga maior está sob a mulher, notou-se como as professoras doutoras enfrentam uma dupla jornada de trabalho, além das demandas universitárias, existem as do âmbito doméstico. Todo este processo afeta a produção acadêmico-científica das professoras/pesquisadoras, principalmente diante de um contexto de pressão para a progressão do Currículo Lattes.

Constatou-se que mesmo diante dessas inúmeras atividades, da polivalência, das limitações e desigualdades, as docentes do ICSEZ/UFAM obtêm um bom desenvolvimento científico em comparação aos professores participantes da pesquisa, a saber: publicações de livros e participação em eventos, segundo os dados analisados anteriormente por meio do Currículo Lattes.

É relevante pontuar, como estes elementos estabelecem ligação com as relações patriarcais de gênero impulsionadas pelo capitalismo, as quais atribuem aos corpos masculino e feminino os papéis sociais em que estes devem atuar no âmbito da sociedade. Estas especificidades são (re) produzidas em vários segmentos sociais, em específico o acadêmico, como pôde ser constatado pelo conteúdo do estudo.

Portanto, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com o debate teórico e enriquecer o aprofundamento da produção de conhecimento acerca da temática abordada para as ciências sociais e para o instituto, bem como provocar reflexões acerca do papel das mulheres na academia e de suas lutas para a sua manutenção neste espaço, e, também dar visibilidade aos desafios vivenciados por este público em outros espaços sociais. Ademais, torna-se importante também fomentar e ampliar discussões/debates sobre a igualdade de gênero no ICSEZ/UFAM, com intuito de dirimir as desigualdades e combater de forma contínua as relações patriarcais presentes no âmbito acadêmico.

Referências

- Adua (2019). *Adua-SS lança campanha contra assédio e debate sobre o tema em seminário*. ADUA – Associação dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas. www.adua.org.br.
- AGÊNCIA BRASIL (2019). *Mulheres assinam 72% dos artigos científicos publicados - Brasil*. Brasília. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/mulheres-assinam-72-dos-artigos-cientificos-publicados-pelo-brasil/>.
- Amorozo, M. & Viertler, R. B. (2010). A abordagem qualitativa na coleta de dados em etnobiologia e etnoecologia. In: Albuquerque, U, P., et al. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife, PE: NUPPEA.
- Antunes, R. (2009). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a formação e a negação do trabalho*. 2.ed. São Paulo: Boitempo.
- Ávila, M. B. (2015). Divisão Sexual do Trabalho, Tempo e Gênero: As Mulheres e o Serviço Social. In: Teixeira, M. Alves, E. R. *Feminismo, Gênero e Sexualidade: Desafios para o Serviço Social*. Brasília: Editorial Abaré.
- Barros, S. C. & Mourão, L. (2018). Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. In: *Psicologia e Sociedade*. São Gonçalo.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina*. 11ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brito, I. B., et al (2022). Questões de gênero e raça no contexto das organizações: um mapeamento da produção científica do Enreo e EnGPR no período de 2000 a 2019. *Research, Society and Development*, 11 (02), e49311226187. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i2.26187>.
- Brandão, S. M. (2011). A produção do conhecimento no contexto da pesquisa social: um ensaio exploratório. In: *V Jornada Internacional de Políticas Públicas*. Maranhão: São Luís.

- Cabral, F. & Diaz, M. (1998). Relações de Gênero. In: Secretaria Municipal De Educação De Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. *Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda.
- Capex (2019). Avaliação do Sistema Nacional de Pós-graduação. CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. <http://capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao>.
- Carvalho, M. G. & Casagrande, L. S. (2011). Mulheres e ciência: desafios e conquistas. *Revista Internacional Interdisciplinar*. Florianópolis: UFSC, v.8. n.2. jul/dez.
- Cisne, M. & Santos, S. M. (2018). *Feminismo, Diversidade Sexual e Serviço Social*. São Paulo: Cortez.
- Cisne, M. (2015). *Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social*. 2.ed. São Paulo: Outras Expressões.
- Connell, R. (2015). *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos.
- Costa, C. F. & Schwantes, L. (2017). Mulher na ciência: uma análise histórica da construção de mulheres cientistas. In: *7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação*. Canoas/RS: FURG.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Dias, A. S., et al. (2022). Questões de Gênero e Violências na escola: uma revisão de literatura. *Research, Society and Development*, 11 (04), e26411427357. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27357>.
- Filho, A. T. (2005). *Uma questão de gênero*. Cadernos Pagu. São Paulo: Unicamp, jan/junho.
- Firmino, C., et al. (2015). Desigualdades de gênero no Serviço Público Federal. In: *VIII Congresso CONSAD de Gestão Pública*. Brasília: Centro de Convenções Ulysses Guimarães.
- Hirata, H. & Kergoat, D. (2007). *Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho*. In: Cadernos de Pesquisa. v.37. n.132, set/dez.
- Lee, A. & Petersen, A. (2015). Análise do Discurso. In: Somekh, B. & Lewin, C. *Teoria e Métodos de Pesquisa Social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Manojlovic, T. (2014). *Uma mente sublime: Hipátia de Alexandria*. Portugal: Diário do Minho.
- Martins, A. P. (2004). Gênero, ciência e cultura. IN: *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 21-61.
- Miguel, L. F. & Biroli, F. (2014). *Feminismo e política: uma introdução*. 1.ed. São Paulo: Boitempo.
- Muraro, R. M. & Boff, L. (2010). *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro. Editora Record.
- Netto, J. P. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular.
- Nogueira, C. M. (2004). *A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Oliveira, A., et al. (2017). Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*.v.21, n.3, set/dez.
- Plataforma Lattes (2019). Currículo Lattes. <http://lattes.cnpq.br>.
- Pereira, R. S., et al. (2005) A mulher no mercado de trabalho. In: *II Jornada Internacional de Políticas Públicas: A questão da emancipação e da soberania*. Universidade Federal do Maranhão.
- Richardson, R. J. (2015). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3.ed. São Paulo: Atlas.
- Souza, E. M. & Pereira, S. J. N. (2013). (Re) produção do Heterossexismo e da Heteronormatividade nas relações de trabalho: A discriminação de homossexuais por homossexuais. *Revista Adm. Mackenzie*. V.14, n.4. São Paulo.
- Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Schienbinger, L. (2001). *O feminismo mudou a ciência?*. Bauru, SP: EDUSC.
- Silva, F. F. (2012). *Mulheres na ciência: vozes, tempos, lugares e trajetórias*. Trabalho de Conclusão de Curso, Rio Grande.
- Sousa, L. P. & Guedes, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. In: *Estudos Avançados*. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870008>
- Torrão Filho, A. (2005). Uma questão gênero: onde o masculino e feminino se cruzam. In: *Cadernos Pagu*. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000100007>.
- Yin, K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. 5.ed. Porto Alegre: Bookman.
- Zandoná, C., et al. (2014). Produtivismo acadêmico, prazer e sofrimento: um estudo bibliográfico. *Revista Perspectiva*. v.38, n.144. dez.